

RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSAVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 31

DOMINGO 10 DE MAIO DE 1863

I. SERIE

GUIMARÃES 9 DE MAIO.

JESUS CHRISTO REAGINDO CONTRA O VIMARANENSE.

(Continuado do n.º 28).

Quando notamos que o «Vimaranense» houvesse transformado a doutrina de J. C. no movimento do progresso humano depois de a ter denominado: — *lei estabelecida da natureza* — não foi nosso proposito subtilisar sobre distincções e conveniencias de palavras, nem dar por proprio e reprovado tudo aquillo que no correr de um escripto não é rigorosamente logico e exacto. Assim se alguém nos dissesse que a Doutrina de J. C. era o progresso humano, não como querem os humanitarios, os falsos reformadores e a gente da revolução, não o progresso que começa e acaba por sumir-se n'este ser abstracto chamado humanidade; não o progresso que divinisa a razão humana para despenhar o homem nos abismos de sua corrupção e de seu orgulho; não o progresso que pretende levantar por toda a parte, sobre as ruínas do homem moral, o homem material; não o progresso que se inculca pela suprema religião e pela suprema lei do espirito moderno para decretar em seu nome a abolição de todo o culto e de toda a lei; mas sim o progresso na ordem, no bem e na verdade; o progresso que não attende somente ao homem phisico e sensual como se houvesse de terminar com elle na sepultura, mas que passa muito para além, e que se abre em perspectivas luminosas até ao infinito de Deus; emfim o progresso regular e harmonioso das sociedades humanas que proseguem no caminho da virtude e da perfeição evangelica — se alguém nos dissesse que este progresso, ou que o movimento d'este pro-

gresso era a doutrina de J. C. nada tinhamos que reparar nem que estranhar, porque n'este caso pelo menos a rectidão do espirito responderia por qualquer inexactidão que houvesse na *lettra*; mas quando nos dizem que a doutrina de J. C. é o movimento infallivel do progresso humano, para nos virem mostrar na explicação d'esse progresso a mais odiosa negação d'esta Doutrina, quando o «Vimaranense» de 14 de Abril quer fazer da Doutrina de J. C. o movimento infallivel do progresso para vir no dia 24 offerer-nos, muito cheio de si pela descoberta, a definição de seu progresso, n'uma *materia* sediça extrahida de uma correspondencia de Lisboa para o «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, a qual *materia*, por não saber-mos bem o nome que lhe compete, diremos que é uma miseravel ineptia que a impiedade ignorante e malfetora costuma deixar sahir nos accessos de sua cubiça e de sua paixão pelo alheio; quando é esse o progresso que nos apregoam e com que nos querem aturdir, é então dever nosso separar-o bem da santa Doutrina do divino Mestre, e advertir o «Vimaranense» da falta que cometteu, querendo identificar duas cousas que se repellem mutuamente, como a verdade e o erro, como a virtude e o vicio, com o bem e o mal.

Explicuemo-nos um pouco acerca d'isto, e justifi-quemos o nosso reparo, segundo a promessa que fizemos em o nosso artigo antecedente.

O «Vimaranense» de 24 d'Abril, sob a epigrapha muito sua — *Materia para a «Religião e Patria»* — transcreve do «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro uma columna de avaliações feitas ás propriedades, capitaes e rendimentos das diferentes irmandades e confrarias de Lisboa, as quaes avaliações são obra de um correspondente d'aquella folha brazileira, n'esta capital.

Até aqui vamos bem, e nada vemos que deva ser censurado: é uma noticia como qualquer outra; porém o «Vimaranense» não é papel que deixe o recado em meio, e portanto eil-o ahi vai continuando a transcrever do sobredito correspondente:

«Quasi todas essas *sommas* (as taes das irmandades e confrarias de Lisboa) gastam-se em cêra, em ar-maçõas, em festas de egreja, em procissões, em sermões e em CAROLICES, sem que se destine para beneficencia cousa alguma *saliente*. OXALA QUE O PROGRESSO DA CIVILISAÇÃO INFLUA PARA ALTERAR A PRATICA ATE AQUI SEGUIDA».

Vem agora uma nota do collega «Vimaranense» que diz assim: «Senhores da «Religião e Patria» excommunguem o homem que diz blasfemias d'estas!!!»

Não era preciso que viesse a nota para completar a medida do progresso do «Vimaranense»: a *materia* que escolheu para nos offerer, persi só, e sem mais reflexões nem commentarios, era já sufficiente para o medirmos por ella, e para o avaliarmos como convinha. No entanto bom é que se não confundam as cousas por falta de explicações e de cuidado. Aqui n'este caso, antes de mais, que de menos.

«Senhores da «Religião e Patria» (diz o collega muito contente da sua vida!) excommunguem o homem que diz blasfemias d'estas!!!»

Não. Socegue! não excommungamos o homem que diz blasfemias d'estas, nem temos commissão para o excommungar, mas detestamos as blasfemias d'esse homem e a complicitade do «Vimaranense» que lhes deu um logar em suas columnas e que não teve um outro, para corrigil-as e condemnal-as.

Se o teve foi para nos deixar ver pela transpa-

FOLHETIM.

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

SEGUNDA CONFERENCIA.

O MYSTERIO DA CREAÇÃO E A SCIENCIA DO MUNDO.

(Continuação).

Em duas palavras: o mundo visivel e invisivel, o mundo dos corpos e o mundo dos espiritos, creados do nada e liberrimamente pelo infinito poder de Deus creador, eis a solução christã, eis, sobre os labios do pobre e do rico, do povo e dos reis, do sabio e do ignorante, do homem de lettras e do homem de trabalho, o compendio catholico e popular da sciencia do mundo «no começo de Deus creou: *in principio creavit Deus*».

Mas vós estaes perguntando o sentido, que o christianismo dá a esta palavra divinamente illuminadora — *crear* —. O que é crear? No sentir do geral, crear é produzir. Deus tem dois modos de produzir — produzir interior e exteriormente. Produzir no interior de sua propria substancia, ou produzir fóra, pelo acto de sua propria força. O primeiro modo de produzir constitue a geração; assim o Padre gera o Verbo; o segundo modo de produzir constitue a criação propriamente dicta: assim Deus creou o mundo. Mas

a criação é ainda dupla porque ha dois modos de crear profundamente distinctos, e tão separados um do outro, como o finito do infinito.

O homem n'um sentido é creador, mas as suas creações tem o cunho de finito, tem limites, que transpor não pode — nunca attinge o que distingue essencialmente as creações divinas: crear o ser, a substancia e a vida.

Deus, creando-vos á Sua imagem, isto é — dando-vos a gloria da intelligencia e a honra da liberdade, deu-vos uma vocação sublime; associou-vos, como a imagem ao seu typo, ao seu poder de crear, mas deixando sempre entre as suas creações e as vossas a distancia, que naturalmente d'elle vos separa — um abysmo infinito.

Srs.! vós creaes de não sei quantos modos. — Sim, mas haveis notado os limites das vossas creações?

Creaes intellectualmente systemas, opiniões, philosophias; que quer isto dizer? Coordenaes idéas pela relação, que tem com uma idéa; fazeis sahir d'ellas um concerto, e, para assim o dizer, um mundo de idéas, que é a obra da vossa intelligencia. Mas esta criação do vosso genio, não é, nem uma substancia, nem uma vida, é uma abstracção, que não toca na existencia.

Creaes litteral e artisticamente, mas o que fazeis? Combinaes palavras, juntaes côres, harmonisaes sons. A vossa criação por mais esplendida que seja, não vai mais longe; não haveis feito, nem as palavras, que empregaes, nem as côres, que matisaes, nem os sons, que harmonisaes, e muito menos ainda a materia dos instrumentos, que tocaes.

Creaes industrialmente, e é n'esta esphera que se

manifesta hoje com reais brilho o vosso poder creador. E no entanto o que fazeis n'este mundo da industria? Modificaes e daes novas formas á materia. Endentaes as rodas com as rodas, accrescentaes o mecanismo ao mecanismo, adaptaes o todo a um fim unico — e fazeis mover o todo por uma só mola, com uma habilidade e um poder ignorado pelos nossos paes. Mas no fundo das cousas o que tendes creado? A materia, que se move? a roda, que gira? o vapor, que a tudo dá a sua força e o seu movimento? O vapor? ah! estaes soberbos com o vapor, muito soberbos talvez, e pelo modo, com que fallaes, seriamos tentado a crer que o fizestes sahir com um sopro da vossa bôcca. Mas, ó poderes thaumaturgos, olhae para os vossos milagres, e sabei-os comprehender. Num dia, sem mesmo o sonhardes, vistes que a agua quente pelo fogo desenvolvia um vapor, cuja força expansiva ameaçava, á nossa vista, quebrar os muros da sua prisão. Esta força é o que tendes creado? não; apenas a tendes percebido, notado e descoberto. Tendes estabelecido, medido e calculado o seu poder expansivo, e o seu poder motor. Mas o que lhe haveis dado? Nada, srns.!, absolutamente nada. O vapor hoje é o mesmo que era ha seis mil annos; somente nos foram precisos quasi seis mil annos para notar a sua força, e aprender a servirmos-nos d'ella. Longe pois de com isto nos orgulharmos, devemos antes humilharmo-nos!

Tendes observado tambem a rôta, que segue o raio no seio da natureza, e a electricidade se tornou a vossa mensageira. Docil como um menino, conduzil-a como pela mão, e ella obedece ás vossas ordens. Vós lhe dizeis, vai, e ella vai — vai levar ao cabo do mundo com a rapidez do seu fusilar, o vosso pensamento,

rencia de uma lastimosa ironia, que era muito de seu agrado e gosto as blasfemias do tal homem.

Digamos melhor: detestamos a perversidade do espirito forte que só vem á imprensa para envenenar e corromper outros espiritos, e que junta a hypocrisia á audacia de suas blasfemias, por que o são realmente as que o «Vimaranense» transcrevera e que podem certissimamente formular-se d'esta sorte: Nada de culto! Todo o culto, desde a prostração e da supplica, desde a vista humilde que vai repousar na cruz, até ao sacrificio e á pregação evangelica, é uma *carolice* — palavra que na linguagem dos *espiritos fortes* significa cousa desprezível e indigna de uma intelligencia superior — Guerra ao culto catholico em nome da *beneficencia!* e do *progresso!* E depois, como a verdade christá é inseparavel de seus symbolos e de sua manifestação exterior, da mesma sorte que a Pessoa de J. C. é o Verbo divino e invisivel inseparavel da carne visivel e humana; como o dogma, a moral e o culto são partes elementares do catholicismo, e como este não poderia mais subsistir se fosse possível supprimir alguma d'ellas, guerra ao culto, e por consequencia mui logica e mui rigorosamente deduzida, guerra ao dogma e á moral, guerra á verdade christá, a J. C. ao catholicismo!

E' neste declive que vai dar em abismos horrosos, que o correspondente do «Jornal do Commercio» e o seu copista «Vimaranense» se collocaram, e é d'aqui que este ultimo nos brada: «Senhores da «Religião e Patria» excommunguem o homem que diz blasfemias d'estas!» Elles não querem que o dinheiro das irmandades se gaste em cêra, em arnações, em festas de igreja, em procissões e em sermões, isto é, elles querem exterminar todo o culto e honra que se deve a Deus, e para isto procuram um pretexto, o mais hypocrita e falso de todos os pretextos — a beneficencia! os pobres! E' porque não sabem que Judas, vendo uma mulher que derramava aos pés do Salvador preciosos balsamos, disse: «Porque se não vendeu este balsamo por trescentos dinheiros e se deu aos pobres?» E' porque não sabem qual era a intenção de Judas quando fallava assim! E' porque não sabem que se os modernos Iscariotes apregoam beneficencias e humanidades, se blasfemam do culto em nome do progresso, se não querem procissões, nem orações nem solemnidades religiosas, sejam ellas quaes forem, é porque tem fome de ouro; é porque querem devorar os thesouros que a piedade dos fieis emprega n'essas solemnidades; é porque querem escaruecer, nas devassidões de seu orgulho e na saciedade putrida de seus gosos, o pobre

a vossa vontade, a vossa alma. Dir-se-ha que creaes e aniquilaeis o raio á vossa vontade e que a electricidade são hoje de vossas cabeças como filha etherea do vosso genio? Metaphora, para metaphora, vos digo eu. — O raio nada vos deve e a electricidade não sabia de vós. — O seu poder ri-se do vosso poder. — Tentae prendel-o em vossa mão, estala e vos mata.

Aonde pois está o vosso poder de crear? Será no mundo vegetal? Será no mundo animal? Será no mundo humano? Será enfim em toda a parte, aonde a vida, sob todas as formas, se desenvolve, se expande, se reproduz e se fecunda?

Oh! snrs.!, é aqui que o Creador se reservára um poder incommunicavel, e mesmo no meio dos milagres do vosso genio vos faz sentir a vossa soberana impotencia.

Que impotencia, dizeis vós? A impotencia de crear a vida, a organização, o pensamento. Aqui podeis desfazer, mas nunca fazer! Podeis quebrar tudo, mas nada crear. Com todas as vossas perfeições de vegetaes e de animaes, de raças e de especies, apagaes a belleza, mas não a fazeis nascer! espantaes a natureza, mas não a fecundaes.

Aonde está o sabio que achou o segredo de crear, já não digo um ser pensante, mas um ser vivo, de qualquer vida por mais infima e mais abjecta, que seja? Quem creou uma ave, que canta, ou um insecto, que reina? quem creou uma flor, que desabrocha? quem creou somente uma rosinha que vegeta?

Creae lores humanos, pareceis querer arrancar das mãos de Deus o sceptro da criação. Ah! eu não vos digo, creae um cedro, um carvalho ou uma palmeira, creae um mastrodonte, um elefante, um leão; digo-vos: «creae uma môsea, uma rosa, uma folha de herba. Ah! tudo vos grita — impotencia! — impotencia!

que lhes bate á porta e que morreria á mingoa de todo o socorro e alimento, se a piedade christa, que accende as lampadas e o incenso do Sanctuario, não viesse valer-lhe e acudir-lhe com a sua esmola. Enfim é porque não sabem que dissorram mal e que blasfemaram! E ainda bem.

Pela nossa parte, estamos longe de imaginar que o correspondente do «Jornal do Commercio» e o «Vimaranense» fossem logicos, e que quizessem toda a responsabilidade das illações que se seguem naturalmente d'aquillo que escreveram.

Queremos antes suppor que romperam com o senso commum, somente por ser commum e por terem assentado para si, que lhes era preciso dizer tudo quanto fosse contrario ás ideias vulgarmente recebidas para não serem vulgo, e vulgo *canôta* principalmente. Queremos suppor ainda mais: que não foi sem sustos e sem apertos de consciencia que se arrojarão a escrever:

«Oxalá que o *progresso da civilização* influa para alterar a pratica ate aqui seguida» (fallão da pratica de orar e de dar culto publico a Deus!) Mas o que não era muito de suppor e de esperar é que viesse impingir-nos este *progresso da civilização*, quem, dias antes, nos tinha dito que «a Doutrina de J. C. era o movimento infallivel do progresso humano»

E' uma confusão diabolica do «Vimaranense» contra o qual J. C. reage com a perfeição, com a santidade, e com a divindade de sua doutrina.

(Continúa.)

A indignidade vil, com que o *Vimaranense* abusa do titulo honroso com que foi christinado, a sordidez avára de mesquinhos interesses, que o faz rebaixar até se enlodar completamente no lixo das mais vis insinuações, resalta na facilidade ignobil com que aquelle immundo papel tem admittido nas suas columnas todos quantos improperios calumniosos e aleivosissimas injurias os seus correspondentes do Rio de Janeiro têm vomitado contra esta boa terra, e contra os seus generosos habitantes.

Sempre bajulador de tudo e de todos, d'onde entreveja que lhe possam vir pingues subsidios, longe de ser, como inculca o seu titulo, o orgão independente do sentir e do pensar do povo d'esta boa terra, elle, o falso *Vimaranense*, tem o cynico despejo de se prestar ignobilmente a reproduzir em suas columnas, além d'outras, as calumnias vilissimas, e aleivosas injurias que se seguem:

E' esta, snrs.!, a barreira intransitavel das humanas creações; entre estas creações do homem e as creações de Deus ha um abismo e abismo infinito. Vós creaes as modificações do ser, só Deus cria o ser. Combinaes as propriedades da materia, Deus cria os elementos da materia. Creaes mecanismos mortos, Deus cria organismos vivos. Creaes artificios inintelligentes e brutos, Deus cria a vida intelligente e livre.

N'uma palavra, em toda a ordem de cousas, o vosso poder de crear se reduz a dirigir, a applicar as forças. Só Deus cria a força e a sustenta depois de a ter creado. Sua, tal é o privilegio reservado da criação divina; crear o ser, a substancia, a força, a vida; a vida vegetal, animal, intelligente e livre. Assim a theologia christá interpreta o *bara Eloim* da criação — *no começo Deus creou* — isto é — Deus, pela Sua vontade infinitamente livre e infinitamente efficaz quiz; e o mundo, sob a acção creadora do poder infinito, passou do nada ao ser — *in principio Deus creavit*.

Snrs.!, eis o mysterio inicial, que o christianismo colloca alloutamente, no começo e no genesis de tudo. E ao passo que o racionalismo faz por escurecer o mais possível este berço da sciencia do mundo, o christianismo offerece este mysterio como a grande luz, que tudo deve allumiar. Não receio dizel-o: esta primeira expressão do nosso symbolo é ao mesmo tempo a primeira palavra da sciencia, porque nos traduz o genesis e a rasão dos seres, que existem; é o genesis das sciencias e a rasão primeira do conhecimento das cousas. Com effeito, snrs.!, este mysterio da criação, tal qual o fórmula o christianismo, isto é, o acto de uma vontade infinitamente livre, mas infinitamente efficaz, fazendo existir um mundo, que não existia, e dandolhe, não só a forma, o movimento e a harmonia, mas ainda o ser, a substancia e a vida; este mysterio

«... e como o mesmo publico (o d'esta cidade).... é muito curioso das vidas alheias.... ouvira verdades amargas de que não gostará.

«Se isto for preciso, fazer-se, — fazer-se-ha não será senão com o ficto o tornar mais conhecido, o presente caso, que pôde ser só conhecido de algumas pessoas.... que pelo costume supõem que isto de passar incolame como passam TANTAS MISERIAS D'ESSA TERRA....»

Haverá muitas *miserias* n'esta terra, haverá; mas a que, de certo, é a maior de todas, é que haja n'esta uma folha com o titulo de *Vimaranense* que se pretasse a reproduzir as muito miseraveis *miserias* do snr. do Brazil.

Parece impossivel tanto despejo e tanta indignidade.

Conheçam-no os habitantes d'esta cidade e não liem-no como devem.

Do nosso estimado collega — «Bem Publico» transcrevemos as seguintes curiosas noticias acerca do nosso caro patricio e amigo Padre José Joaquim d'Alfonseca Mattos, actualmente residente em Macau, e professor no Seminario da dita cidade.

Na *Correspondencia de Portugal* encontramos seguinte:

«Do *Boletim do governo de Macau*, de 13 de dezembro ultimo, copiamos o seguinte:

«Nesta semana celebraram-se na cathedral d'esta cidade duas festas solemnes, a de Nossa Senhora da Conceição e a d'acção de graças pela noticia da canonisação dos martyres do Japão.

«A ultima d'estas festas teve lugar na quinta feira 11, com missa cantada e musica instrumental, pregando o reverendo padre José Joaquim d'Alfonseca Mattos um sermão de occasião bem apropriado, e que teria sido de grande effeito, se ao digno pregador não tivessem faltado as forças, por causa da sua melindrosa saúde, para se expandir mais e muito mais em alguns pontos que apenas annunciou, e que se perceberam ser pedaços truncados d'obra mais acabada, e que o orador cortou por não poder confiar em suas forças, como sua reverendissima mesmo declarou no entanto, o discurso, ainda que conciso, foi bastante pathetico, como era de esperar da capacidade do orador, e como o assumpto pedia, sem ultrapassar os limites do sentimentalismo, muito legitimo contida.

eminente illuminador é a unica solução, que se pode dar ao grande problema da existencia do mundo, a unica solução, que a rasão acceta, e a unica que pode soffrer a analyse da sciencia. Dizemos, notai-o bem, o *mysterio* da criação.

Quaesquer que sejam as claridades, que este dogma fundamental esparja sobre a sciencia dos seres, não deixa por isso de ser mysterio, isto é — uma verdade, que se occulta n'um abismo sem fundo e debaixo de uma rede de trevas, que a sciencia nunca poderá romper.

Como se realisa a criação? Como o que não existia começa a existir? Como se effectua esta passagem do nada para o ser e do possível para o real? Como nasceu o mundo? Quem penetrará ou poderá dizer em linguagem intelligivel o segredo da geração? *Generationem ejus quis enarrabit?* E, supposta a criação, como se estabeleceu uma relação intima entre o creado e o increado, entre o finito e o infinito, entre o tempo e a eternidade, entre o espaço e a immensidade?

Como conceber-se pôde este tempo tão mysterioso e tão obscuro, este tempo, que não começa senão com a creatura, e que não subsiste senão n'ella e por ella? E o espaço, o espaço, snrs.!, logar da creatura e que, além de toda a creatura se estende mais longe do que a imaginação, mesmo mais longe do que o pensamento o pode conceber, como defini-lo, nomeal-o e circunscrevel-o? E' infinito? E' finito ou definido somente? Quaes as suas relações com o mundo, suas relações com Deus?

(Continúa.)

como é sempre todo aquelle que nos arranca do positivo da materia para nos transportar ao campo do heroismo, a soffrer pela fé, com confiança em Deus, e unicamente armados com o vigor da convicção, que de Deus nos diamana para a alma, inspirando-nos grandes feitos.

«Acabada a festa, assistimos aos ensaios academicos, que se fizeram n'uma das salas do palacio episcopal.

«Alguns dos estudantes internos do seminario diocesano, perante um respeitavel auditorio, recitaram em prosa e em verso differentes passagens historicas dos martyres que foram santificados, e a cuja festa acabavamos de assistir.

«Estes trabalhos academicos foram divididos em duas partes, além de uma introdução feita em latim, concernente ao assumpto que a todos reunia n'aquelle logar.

«A primeira parte compunha-se d'um polymetro portuguez intitulado *o Apostolado e o Martyrio*, no qual um dos companheiros de fr. Pedro Baptista da Ascenção, franciscano, e martyr do Japão, animava os seus companheiros a irem converter os japonezes: d'uma poesia franceza relativamente a Paulo Miki e a seus companheiros na presença das cruzeas onde deviam ser crucificados; d'uma poesia ingleza acerca do martyr Luiz, pobre creança de 11 annos, que os barbaros não poupavam n'aquelle martyrio; uma ode italiana á morte dos tres martyres Paula Miki, João do Goto e Jacob Kisar, da companhia de Jesus, cujas reliquias Macau se gloria de possuir; e um hymno italiano dedicado aos vinte seis martyres, que pelos seus tormentos glorificaram a igreja do Japão.

«A segunda parte dividu-se: 1.º n'um dialogo entre onze seminaristas, imaginando-se a scena passada no seminario d'Armita, no Japão, dias depois da morte dos vinte seis martyres; 2.º a glorificação dos martyres; 3.º a entrada dos martyres no ceu, ode em hespanhol; 4.º a festa dos martyres em Macau, elegia latina; 5.º a canonisação dos martyres do Japão, como augurio de paz e felicidade para a igreja catholica, ode em portuguez; e 6.º Nossa Senhora, Rainha dos martyres.

«Os alumnos internos mereceram vivos applausos, por estes testemunhos publicos que deram da sua applicação e estudo: e sem que pertendamos denegir o merito que em todos foi conhecido, não poderemos calar o quanto nos captivou o desembaraço com que principalmente desempenharam seus papeis os seminaristas Constantino Lopes, Ignacio Marques, e André da Silva.

«Ha seis mezes á esta parte, por occasião de noticiarmos a abertura do seminario, agorámos um futuro de instrucção para a mocidade macaense; hoje folgamos de ver com tão bons auspicios a applicação dos jovens alumnos, e fazemos votos para que continuem a merecer os applausos e os premios que afinal foram publicamente distribuidos áquelles que mais aproveitamento mostraram no ultimo trimestre.

«Os exercicios que com satisfação presenciamos, agradam-nos pelo systema, reconhecido que só assim se adquire o desembaraço oratorio preciso, a par da instrucção que se recebe.

«Em tão pouco tempo encontrando maior parte dos discipulos do seminario possuindo já tantos conhecimentos e tão soffrivel pronuncia das linguas latina-portugueza, ingleza, italiana, franceza e hespanhola, não é exagerada a idéa que formamos de que, ao concluir seus estudos, sairão d'alli muito adiantados e habilitados.

«Se nos coubesse em tempo, dariamos agora uma idéa da parte da historia do Japão, relativamente aos tormentos que soffreram estes santos, e ás grandes relações então havidas entre aquelle imperio e esta cidade, que temos colhido de manuscriptos fidedignos, e encontrada em verdadeiros historiadores, trabalho a que nos dedicaremos, logo que o tempo nol-o permitta.

«Para concluir, diremos ainda mais duas palavras; isto é, que o collegio de S. José promette ser outra vez tão importante como já foi, não só para a educação da mocidade d'esta colonia nos diversos misteres da vida social, mas sobretudo para as missões, das quaes conservamos tão gloriosas tradições e respeitabilissimos nomes de sacerdotes, hoje ainda fallados e respeitados entre os chinas na propria capital

do imperio, apesar, note-se bem, da idolatria em que por lá se vive.

«No collegio de S. José, ha já elementos muito bons, sobretudo para o ensino da mocidade, e as provas vão apparecendo; e assim fazemos votos para que este ramo de educação chegue não só ao estado que tanto se deseja, como tambem a conseguir o grande fim da sua criação, isto é, verdadeiros missionarios.»

Até aqui o que pertence á folha de Macau: agora seguem as considerações que faz o contemporaneo da *Correspondencia*; considerações com que em geral nos conformamos, fazendo votos sinceros por que se realizem as suas esperanças. Devemos comtudo accrescentar que são mui debeis as que nutrimos, ao ver que todos os cuidados estão postos em conservar e dilatar o imperio da maçonaria, que jurou, em seu odio á Igreja Catholica, destruir as nossas colonias, como o unico meio infallivel de acabar com a nossa independencia na Europa. Segue o que diz o nosso habil collega:

«Para 19 de janeiro preparavam-se outros semelhantes exercicios escolares, perante o governador e a sociedade mais escolhida de Macau, excitando-se assim o amor da instrucção e das letras, que rapidamente se desenvolve na mocidade d'aquella possessão, que mostra muita capacidade por toda a especie de estudos.

«Os alumnos do seminario são já cincoenta e quatro, e mais de duzentos os externos. Como estabelecimento de beneficencia annexo, abriu-se no 1.º de janeiro o *Orphanotrophio*, que já tem oito rapazes orphãos desamparados, e mais iam ser recebidos, sustentados por subscrições de caridade.

«Antes da reorganisação do seminario, familias inteiras saíram de Macau para a vizinha colonia ingleza de Hong-Kong, unicamente para educarem seus filhos, mas d'onde pela maior parte não voltaram. Hoje succede o contrario. Essas familias e outras portuguezas mais antigamente estabelecidas n'aquella cidade, mandam educar seus filhos ao seminario de Macau.

«Estes excellentes resultados devem-se na maior parte aos padres Mattos e Francisco Xavier, que o sr. Carlos Bento, como ministro da marinha, mandou para Macau em janeiro de anno passado, idos do seminario de Sernache do Bomjardim, d'onde agora saiu tambem o alumno Jacob dos Reis e Cunha, que vae ordenar-se para ir missionar em Timor, sua patria. É filho do regulo de Luca D. Paulo, dependente da corôa portugueza, e que pôde n'essa qualidade radicar mais a nossa influencia no seu paiz, e promover com o christianismo a civilisação d'aquelles ainda tão incultos povos. Outros aproveitaveis alumnos do mesmo seminario, em breve estarão promptos para irem para as missões do ultramar, começando assim aquelle estabelecimento a dar os desejados frutos do seu instituto, sob a zelosa e intelligente administração que ainda não ha dois annos o dirige, e que o levantou da lastimosa decadencia a que chegara.

«A criação de missionarios professores é uma das maiores, se não a maior das necessidades das nossas provincias ultramarinas e do padroado portuguez no Oriente. Sem elles é impossivel erigir e manter os necessarios seminarios, para ministrarem a instrucção aos indigenas respectivos, e aproveitarem-lhes as vocações para formar ecclesiasticos dignos e instruidos, que auxiliem e continuem a obra dos padres europeus, que nunca poderemos fornecer em quantidade sufficiente para tão numerosas christandades.

«É mui louvavel a representação dirigida a el-rei de Portugal pelos subditos britannicos catholicos residentes em Madraste (na India), publicada no *Diario de Lisboa* de 9 do corrente, recorrendo ao real padroado para a formação de um seminario. Para satisfazer a estas e outras instantes necessidades dos christãos do Oriente, que tão grande adhesão ainda manifesta ao nome portuguez, é indispensavel crear o pessoal necessario, que não podendo ser numeroso, porque a nossa população e circumstancias não o permittem, seja ao menos completamente digno e habilitado, não só nas materias ecclesiasticas, mas nos conhecimentos e praticas convenientes para o ensino religioso e civil, e para dirigirem estabelecimentos de instrucção nas nossas provincias ultramarinas e nos paizes onde moralmente influimos pelo exercicio do real padroado.

«O collegio das missões ultramarinas, estabelecido em Sernache do Bomjardim, e o seminario episcopal de Macau, auxiliando-se mutuamente, estão no caso de prestarem grandes serviços, promovendo o go-

vorno o desenvolvimento de que são susceptiveis, abonado pelos bons resultados que já apresentam.»

SECÇÃO NOTICIOSA

Errata importante. — No folheim do numero d'hoje, columna 1.ª, linha 8.ª, onde se lê — no começo de Deus creou — lêa-se — no começo Deus creou —.

Decifração do enigma. — Satisfazendo aos desejos manifestados n'uma local do «Vimaranense» de terça feira respondemos — que não temos procuração para explicar os actos do exm.º sr. Gaspar Teixeira, todavia a primeira razão que se oferece para decifrar o enigma proposto pelo auctor da local é, que se o ex.º, o sr. Gaspar Teixeira não fallou sobre o augmento da contribuição predial foi porque não quiz commentando nós porém agora isto, entendemos, (ainda que não convenha n'isto o «Vimaranense») que, foi bem acertada esta resolução, porque quando uma maioria facciosa e odienta, acalorada com o granhar confuso e regateiro da imprensa officiosa, cerra os ouvidos á verdade para só ouvir o *quero* do ministro, e faz, por uma votação venal, tornar inuteis as vozes dos primeiros oradores parlamentares escusado é reiterar-se os esforços para que a verdade cale n'aquelles animos obscurecidos pela paixão.

Justos louvores — Costumamos sempre dar o seu a seu dono, e tendo nós censurado a ill.ª camara por alguns actos, estimamos encontrar esta occasião de a louvarmos por uma sua acertada resolução, para que se não diga que lhe somos adversos e hostis por conveniencias.

A ill.ª camara resolveu mandar fazer todos os actos e funcções religiosas, a que é obrigada esta municipalidade, e que já de há muito se não faziam; não sabemos se por incuria, se por as camaras se julgarem a si mesmas dispensadas do cumprimento d'aquella sua obrigação.

Louvamos a acertada e bem entendida resolução da ill.ª camara, e estimamos que continue a dar-nos motivos para só merecer os nossos louvores, e nunca as nossas censuras.

Feira de Villa Nova. — Esteve muito concorrida de gente e de objectos de mercado. Metteu muito gado cavallar, mas todo máo, sendo por isso poucas as transacções.

Mas no que ella esteve muito animada foi no jogo do qual, segundo nos informam, se decidiram alli bastantes contos de réis.

Tanto a responsabilidade d'este escandalo, que alli se pratica todos os annos, recae sobre a respectiva auctoridade administrativa, que despresas as determinações da lei, que a mandam policiar a feira, e que não ouve o grito das esposas e dos filhos dos que para alli vão talvez roubar-lhe o pão do dia seguinte.

Viajantes illustres. — Achar-se entre nós o exm.º sr. Conde d'Azambuja, e seu cunhado o exm.º sr. Antonio Bernardo Ferreira.

Estão hospedados no *Hotel Portuense*.

Faixa electrica. — Hontem de tarde durante a trovoadá que cabiu sobre esta cidade e seus contornos, cabiu uma faixa electrica no logar do Paço, freguezia de S. Miguel de Creyxomil, do que resultou ficar um homem em perigo de vida, e uma mulher um pouco assombrada.

Necrologio. — Falleceu sexta feira pela meia hora da tarde, o ex.º sr. conselheiro José Fortunato Ferreira de Castro.

Murmuremo uma prece sobre a campa d'aquelle illustre finado, pedindo a Deus, que lhe de o eterno descanso, e que o allumie com a luz da bemaventurança.

Planta — A ill.^{ma} camara encarregou o snr. Couto, engenheiro, de tirar uma planta para se construir um edificio em que se estabeleçam as repartições publicas, com aproveitamento do mesmo local em que ellas tem estado, isto é do convento de S. Domingos.

E' uma obra de muita necessidade, que a ill.^{ma} camara deve levar a effeito o mais breve possivel.

Noticia satisfactoria — Acaba de ser nomeado brigadeiro commandante da 4.^a divisão militar o distincto brigadeiro Taborda.

Para esta nomeação, que de tanto interesse he para esta provincia, concorreram muito as repetidas instancias do nobre deputado por esta cidade o Ex.^{mo} Sr. Visconde de Pindella.

Damos com satisfação esta noticia porque vemos nesta nomeação huma garantia provavel de serem escutadas e attendidas as vozes dos habitantes d'este concelho, e dos concelhos limitrophes, que já d'ha muito pedem que esta cidade seja guarnecida por huma força militar.

Egreja de S. Sebastião, — A' reunião dos moradores d'esta freguezia, em que se resolveo que se gradeasse e aformoseasse o adro da Igreja, concorreram, alem dos membros da junta de parochia, MAIS DE 50 PESSOAS das de maior consideração na freguezia, e algumas, que não appareceram, mandaram significar que adheriam de bom grado a tomada resolução.

Beneficio. — N'um dos primeiros dias da semana que vem, subirá á scena em beneficio d'alguns actores da companhia nacional que aqui esteve um variado e bonito espectáculo em que tomam parte alguns curiosos d'esta terra.

Dizem-nos que o espectáculo constará dos ULTIMOS TRES DIAS D'UM SENTENEADO, e d'algumas commedias.

Confiamos que os Vimaranenses não deixarão de concorrer aquelle beneficio que vae melhorar as circumstancias d'aquelles artistas.

AGRADECIMENTO.

PENHORADISSIMO quanto possivel, e com respeito mais profundo, agradeço infinito a todas as ex.^{mas} Senhoras e ill.^{mas} ex.^{mas} snrs. que se dignaram partilhar da minha tão justa dôr pela perda irreparavel que acabei de soffrer, deixando de possuir o meu querido, adorado, e sempre lembrado pae.

Protesto por este meio o mais constante reconhecimento, e pessoalmente cumprirei com o meu restricto dever.

Guimarães 30 d'Abril de 1863.
Joaquim Albano Corrêa de Freitas Corte Real.

(56)

ANNUNCIOS.

PELO Juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Ferreira Porto, correm editos de 30 dias, a contar do dia 1.^o de Maio, a chamar todas e quaesquer pessoas que se julgarem com direito a uma propriedade de casas com seu quintal, campo e mais pertenças, sita no logar da Taipa, da freguezia de S. Thomé de Caldeellas d'esta comarca, que foram de Felicidade dos Anjos, viuva, da mesma freguezia, e por ella vendida a retro ao ex.^{mo} Visconde de Pereira Ma-

chado, da cidade do Porto, ou á quantia de 1:540\$000 rs. parte do preço da mesma venda, que se acha consignado em deposito, debaixo da comminação e pena de serem excluidos de qualquer direito que lhes assista, e de se julgar a mesma propriedade livre e desembargada para o annunciante comprador. (51)

MASTIG OSTURATEUR

Gutta-percha silicate.

JOSÉ ROUFFE

RUA DOS MERCADORES. — HOTEL PORTUENSE.

Cirurgião dentista, n.^o 109 — Porto.

Uma das melhores invenções que até hoje se tem feito: a Gutta-percha silicate tem a virtude que não se

encontra em nenhuma classe de metal. O dente chumbado ou obdurado é da mesma côr do natural, e a operação faz-se sem experimentar dôr; não cae nunca e preserva os outros dentes.

José Rouffe tem um grande sortimento de dentes mineraes de todos os preços cuja qualidade garante, elixir de Boto muito afamado por suas excellentes qualidades para diferentes enfermidades como escorbuto, aftes, e dentes abalados etc. etc. Igualmente dentaduras de todas as qualidades. (55)

NO Juizo de Direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão Loureiro, correm editos de 30 dias a chamar quaesquer pessoas que se julgarem com direito ao campo da Agra, na freguezia de Rouffe, ou á quantia de 200\$000 rs. em deposito, a requerimento dos compradores João José de Magalhães e mulher, e cujo campo foi vendido por José Antonio Machado e mulher da mesma freguezia, aos ditos compradores. Correm desde 20 de Abril pasado. (57)

A NACIONAL

Companhia geral hespanhola de seguros mutuos

sobre a vida

DIRECTOR GERAL: SNR. D. JOSÉ GORT Y CLAUDE

AGENTE GERAL DA COMPANHIA EM PORTUGAL E BANQUEIRO

Domingos Ribeiro dos Santos Junior

29, RUA DE S. FRANCISCO

PORTO

E' a unica companhia que admite subscrições sem perda de capital, nem juros, ainda que o segurado falleça, com faculdade de liquidar annualmente.

Nenhuma outra companhia da mesma classe cobra direitos de administração mais modicos do que esta.

As subscrições podem fazer-se de quatro distinctas maneiras á vontade do Subscriber, a saber:

- 1.^a = Com perda de capital e juros por morte do segurado, com faculdade de liquidar cada cinco annos.
- 2.^a = Com perda por morte do segurado unicamente dos juros e não do capital que se tenha imposto com faculdade de liquidar cada cinco annos.
- 3.^a = Com perda do capital e juros por morte do segurado, podendo liquidar e retirar-se todos os annos, depois dos primeiros cinco.
- 4.^a = Sem perda de capital nem juros, ainda que o segurado falleça, podendo liquidar e retirar-se todos os annos depois dos primeiros cinco.

Para mostrar quaes as vantagens d'esta companhia, basta dizer-so que uma annualidade de 50\$000 réis produz:

Idades	Em 5 annos	Em 10 annos	Em 15 annos	Em 20 annos	Em 25 annos
Do nascimento a 1 anno	657\$600	2,544\$000	5,376\$000	12,000\$000	28,032\$000
De 1 anno a 2 annos	537\$600	1,800\$000	4,464\$000	10,176\$000	22,080\$000
De 3 " 19 "	513\$600	1,737\$600	4,320\$000	9,600\$000	20,928\$000
De 20 " 29 "	518\$400	1,680\$000	4,272\$000	9,120\$000	20,256\$000
De 30 " 39 "	520\$800	1,689\$600	4,320\$000	9,360\$000	20,400\$000
De 40 " 49 "	520\$800	1,689\$000	4,320\$000	9,504\$000	20,880\$000
De 50 " 59 "	528\$000	1,824\$000	4,416\$000	10,320\$000	21,168\$000
De 60 " 69 "	547\$200	2,004\$000	4,512\$000	9,600\$000	25,920\$000
De 70 " 79 "	576\$000	2,030\$400	4,704\$000	14,400\$000	28,800\$000
De 80 "	600\$000	2,400\$000	5,280\$000	=	=

O Agente da Companhia n'esta cidade (AUGUSTO HENRIQUES DA COSTA, TERREIRO DE S. FRANCISCO) dá gratis a todas as pessoas, prospectos, estatutos e tabellas dos lucros provaveis da companhia bem como todos os mais esclarecimentos que lhe seja n pedidos.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilha 1\$450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilha 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.